



Governador Francelino Pereira e Ministro Eliseu Resende, a inspeção de um bom trem de passageiros

VERA CRUZ

O TREM DE MINAS VOLTA EM ALTO ESTILO

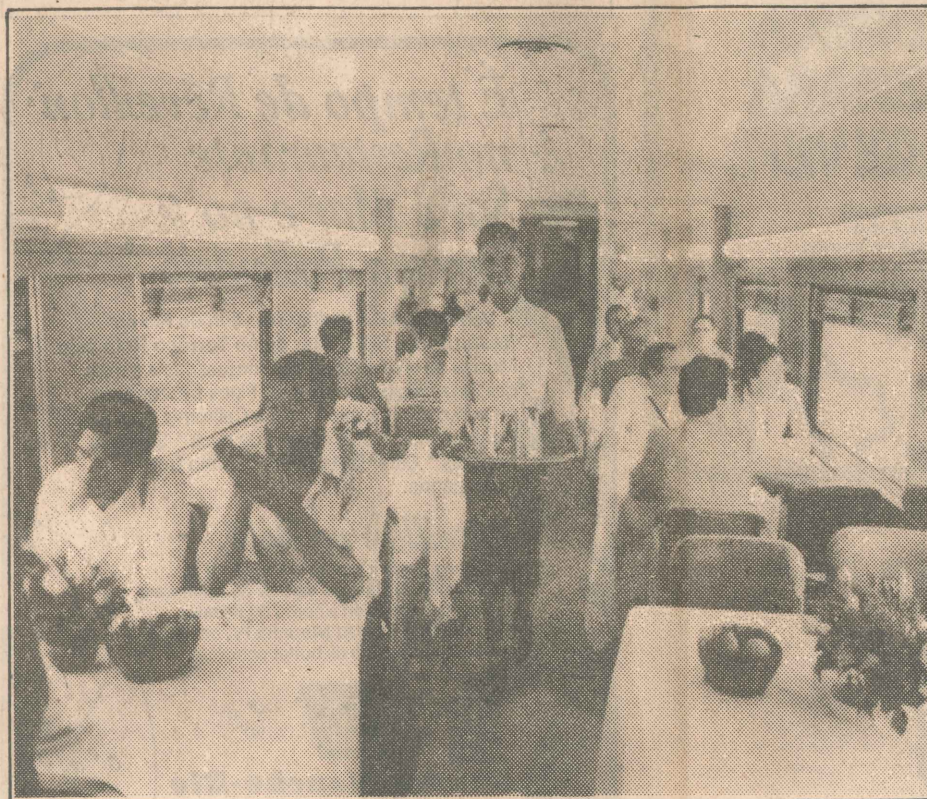
Heraldo Dias

BELO Horizonte — Foi tudo bem mineiro e no melhor estilo. Bandas de música, foguetório intenso — festa que rende dividendos políticos, em Minas, começa e termina com muitos tiros e fumaça — frango com quiabo, lombinho com tutu de feijão-preto, doce de leite com queijo-de-minas, seresteiros e repetidas declarações de elogio ao trem de ferro. Uma festa para 108 privilegiados que, a convite do Ministro dos Transportes, fizeram a viagem especial de relançamento do trem Vera Cruz (Rio—Belo Horizonte).

O trem estava desativado há quatro anos e quando o grupo apeou ontem de manhã em Belo Horizonte (mineiro não desembarca de trem, ele apeia) começou outra festa, a de comemoração dos 83 anos de fundação da cidade. Uma frustração: Carlos Drummond de Andrade alegou doença e manteve o juramento de não voltar a Belo Horizonte. Um susto: mineiro não perde trem, mas o Governador Francelino Pereira chegou atrasado para o embarque, no Rio.

A saída do Rio estava prevista para as 17h de anteontem (e partiu com ligeiro atraso), mas uma hora antes os convidados já chegavam. A refrigeração perfeita em todos os carros criava a expectativa de uma viagem muito agradável. Nas conversas, ainda na plataforma — “é um trem novinho”, “não é, não, é de 1949 e foi remodelado” — uma ponta de tristeza: muitos antegozavam as animadas conversas. A bordo, com os “mineiros notáveis” (Otto Lara Resende, Pedro Nava, Drummond, Hélio Pelegrino, Ziraldo, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino), mas suas presenças se restringiram, mesmo, apenas à prévia divulgação da viagem. O Governador Chagas Freitas foi até a estação desejar boa viagem.

Não foi, exatamente, o anticlímax. Cabinas vazias permitiram arranjos de última hora, mas o que não faltou no Vera Cruz, muito extenso na sua configuração especial para a viagem, foi boa conversa, bebidas (nacionais) e comida. A bordo, salgadinhos e canapés convencionais. Fora do trem, um típico jantar mineiro, servido na estação de Juiz de Fora, transformada num grande restaurante, quase ao ar livre, mas só que na área definida, onde entraram só convidados.



Refrigeração perfeita em todos os carros, condição de uma viagem muito agradável

Entrada: tutu à mineira com lombinho de porco. Mais: feijão tropeiro, com uma linguiça fina e honesta, frango com quiabo. Vinho tinto nacional à vontade. Na verdade, um irresistível convite à gula, com sérios reflexos no dia seguinte (o serviço terminou às 23h15m de quinta-feira). Comentário de um convidado: “É demais. Nunca jantei, a esta hora, com entrada de tutu com torresmo”. Para alguns convidados, como o presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, Sr Arthur João Donato, a viagem terminou em Juiz de Fora.

Seresteiros percorriam todas as mesas, assegurando aplausos repetidos com músicas de Lupicínio Rodrigues e Orestes Barbosa. Com o sucesso, alguns foram convidados a embarcar e a música continuou num carro-restaurante. Embora muitas pessoas estivessem dispostas a passar a noite acordadas, por volta das 3h ocorreu uma espécie de toque de recolher, com o trem reduzido à semi-obscuridade. Acabou o serviço de bordo, que somente seria restabelecido a partir de 6h, para o café da manhã em estilo de hotel de bom padrão. Diante dos pedidos, que se repetiam, as comissárias acrescentaram logo um item ao serviço: copos altos, cheios de água. Alguns comprimidos de aspirina foram bastante disputados.

Nem todos perceberam, mas nunca a RFFSA cuidou tão bem de um trem. Em Juiz de Fora, a parada durou 135 minutos (15 a menos que o previsto), um enorme contingente de funcionários da RFFSA estava de plantão para revisar todo o equipamento. Todo cuidado era pouco: o trem, além de conduzir o Ministro dos Transportes e seus convidados, tinha de estar em perfeitas condições para, horas depois da chegada a Belo Horizonte, fazer a primeira viagem comercial. E as passagens estavam vendidas com boa antecedência.

Embora seja semelhante ao Santa Cruz — a melhor opção de transporte ferroviário no país, na ligação Rio—São Paulo — e, por isso mesmo, bastante conhecido, o trem despertou o interesse dos convidados, que percorreram todos os carros, verificando as instalações. Uma boa caminhada, de quase 500 metros, considerando-se uma ida e volta, às vezes em corredores apertados, como os do carro de cabinas. As mulheres faziam questão de acompanhar os maridos.

O Ministro dos Transportes, engenheiro Eliseu Resende, era o maior entusiasta, mas o Governador Francelino Pereira não se limitou a olhar, como fez a maioria. Experimentou a poltrona-leito, reclinada ao máximo — e gostou. Quem mais respondia a perguntas era o presidente da RFFSA, Coronel Carlos Aloysio Weber, que tinha de explicar, seguidamente, que o trem está voltando nos fins de semana, mas se houver demanda também vai correr nos dias úteis.

Com muitos convidados da área política, o Ministro dos Transportes respondeu várias vezes à mesma pergunta: “Não sou candidato ao Governo de Minas. Sou candidato a um bom Ministro dos Transportes do Presidente Figueiredo”, mas explicou longamente, outra vez, a política para o transporte ferroviário de passageiros de longo percurso.

Os investimentos — explicou — são para melhorar o transporte de carga. Sempre que uma linha estiver boa, receberá também um trem de passageiros. No começo, sempre poucas frequências, com o objetivo de melhorar a imagem pública da RFF como prestadora de serviços. O Ministro está convencido de que um bom trem de passageiros é, também, um bom agente de relações públicas.

Não se deve pensar que o trem faz economia de combustível, quando comparado com o transporte rodoviário. Um ônibus gasta um litro de óleo diesel para percorrer três quilômetros de estrada. A locomotiva inverte a relação de consumo. Num trem como o Vera Cruz, a máquina traciona cinco toneladas de ferragens por passageiros.

Animado com a festa, o Ministro dos Transportes anunciou o restabelecimento de mais um trem, ligando São Paulo e Brasília, o que poderia ocorrer, segundo disse, num prazo de quatro meses. Para tanto, a RFF terá de se compor com a Ferrovia Paulista S.A.; a Fepasa, pois haverá trechos de tráfego mútuo. E a Fepasa tem, segundo lembrou o Ministro, luxuosos trens de passageiros para este serviço. Ele forneceu o roteiro: Brasília, Pires do Rio, Araguari, Uberlândia, Uberaba, Ribeirão Preto, Campinas, Jundiá, São Paulo. Cerca de 1 mil 300 quilômetros, que poderão ser vencidos em 16 horas.

Num prazo mais longo — dois a três anos — o Ministro pretende restabelecer o trem de passageiros de São Paulo a Porto Alegre. Isto depende de obras de remodelação do chamado tronco-Sul da RFF, hoje um conjunto de linhas onde são registrados os maiores índices de acidentes da empresa. Seguramente, o entusiasmo do Ministro pelo retorno dos trens de passageiros aumentou ainda mais, ontem, em Belo Horizonte. O Vera Cruz chegou em meio a uma festa, abrindo oficialmente as comemorações do aniversário de fundação da cidade.

Um fim de semana especial

O trem Vera Cruz está voltando para os passageiros de fim de semana. As saídas serão simultâneas, do Rio e Belo Horizonte, às sextas-feiras e domingos, às 20h15m. Há cinco opções de passagens: poltrona comum a Cr\$ 624 (tem meia, a Cr\$ 312), cabina completa por Cr\$ 2 mil 262, leito inferior por Cr\$ 1 mil 183, leito superior por Cr\$ 1 mil 79 ou a poltrona-leito, por Cr\$ 936.

A viagem tem uma duração prevista de 12 horas e 30 minutos (velocidade comercial de 52km/h), com paradas em Juiz de Fora e Conselheiro Lafaiete. O percurso total é de 639 quilômetros. Com pagamento à parte, há completo serviço de bordo, em carro-restaurante. Agora, as passagens são especiais, emitidas nominalmente, o que exige a apresentação de um documento de identificação.